

GUERRA FRIA, GELO QUENTE: HÓQUEI NO GELO INTERNACIONAL, 1947-1980¹

John Soares

University of Notre Dame

Notre Dame, Estados Unidos

John.A.Soares.2@nd.edu

Resumo

Este artigo explora o hóquei internacional envolvendo Estados Unidos, Canadá, União Soviética e Tchecoslováquia, entre 1947 e 1980. A natureza da competição de hóquei, a antipatia compartilhada pelos EUA e Canadá aos soviéticos e a hostilidade tchecoslovaca aos soviéticos após 1968 iluminaram tanto a força aparente de regimes comunistas como as forças latentes das democracias ocidentais e forneceram pistas importantes do eventual resultado da Guerra Fria. Nesse contexto, este artigo examina eventos como o acidente aéreo nunca reconhecido, que devastou o principal clube de hóquei soviético em 1950, os boicotes a campeonatos mundiais de 1957 e 1962 causados pela invasão à Hungria e o muro de Berlim, o ressentimento nos jogos entre os soviéticos e os tchecoslovacos após 1968, a *Summit Series* de 1972, colocando profissionais canadenses contra a seleção soviética, outros jogos durante a détente, opondo times soviéticos e norte-americanos, e a resposta popular aos Jogos Olímpicos de 1980 em Lake Placid.

Palavras-chave: hóquei no gelo, Guerra Fria, política internacional.

Abstract

Cold War, Hot Ice: International Ice Hockey, 1947-1980

This article explores international hockey among the United States, Canada, the Soviet Union, and Czechoslovakia between 1947 and 1980. The nature of this hockey competition, shared U.S.-Canadian antipathy to the Soviets, and Czechoslovakian hostility to the Soviets after 1968 illuminated both the apparent strengths of Communist regimes and the latent strengths of Western democracies and provided important clues to the eventual outcome of the Cold War. In this context the article examines such events as the never-acknowledged plane crash that devastated the leading Soviet hockey club in 1950, the 1957 and 1962 world tournaments boycotts brought on by the Hungarian invasion and the Berlin Wall, the bitterness of the Soviet-Czechoslovakian games after 1968, the 1972 "Summit Series" pitting Canadian professionals against the Soviet national team, other détente-era contests matching Soviet and North American teams, and popular American response to the 1980 Olympics at Lake Placid.

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, v. 34, n. 2, p. 207-230, 2007. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. Tradução: Maurício Drumond.

Keywords: ice hockey, Cold War, international politics.

A publicidade para o filme da Disney de 2004, *Desafio no Gelo* (Miracle) identificava a conquista da medalha de ouro da equipe olímpica dos Estados Unidos de hóquei no gelo em Lake Placid, em 1980, como “o maior momento na história do esporte”.² É claro que este é um assunto discutível. Mesmo os amantes de hóquei podem argumentar que um momento ainda maior ocorreu em setembro de 1972, quando Paul Henderson marcou o gol da vitória para a seleção canadense no minuto da final da histórica *Summit Series*, que colocou a seleção nacional soviética contra as estrelas da liga de hóquei profissional. O Hóquei olímpico era importante em Lake Placid, no entanto, porque ele coroava mais de três décadas nas quais o hóquei internacional ilustrava a profundidade das rivalidades da Guerra Fria, refletia as características das nações envolvidas, destacava preocupações ocidentais sobre os sistemas totalitários do bloco oriental e propagandeava divisões dentro do bloco comunista. O torneio de Lake Placid aconteceu em um período em que o resultado final da Guerra Fria mostrava-se ainda muito indefinido: os países do bloco comunista pareciam se beneficiar e vantagens competitivas em disputas esportivas internacionais contra adversários ocidentais, as mesmas vantagens que possuíam como sociedades totalitárias fechadas no conflito geopolítico da Guerra Fria, contra sociedades democráticas abertas.³ Assim como o estrategista militar prussiano Carl von Clausewitz via a guerra como uma continuação da política por outros meios, para os Estados Unidos, o Canadá, a URSS (União Soviética) e a Tchecoslováquia, o hóquei no gelo internacional entre 1947 e 1980 era a continuação da Guerra Fria por outros meios.

Para a União Soviética, o hóquei no gelo internacional proporcionava uma

² Para um exemplo desta promoção, ver a propaganda para demonstração especial do filme. *New York Times*, 30 jan. 2004, sec. B, p. 18.

³ Para uma alternativa a visões que já foram convencionais de que democracias não eram muito adequadas ao conflito internacional, ver Reiter e Stam (2002).

oportunidade de conquistar reconhecimento em uma diligência na qual não havia nenhuma tradição russa estabelecida. Construir um sistema de “hóquei coletivo” a partir do zero e criar um campeão mundial perene foi uma grande realização para o comunismo.⁴ Visto que times de hóquei soviéticos tiveram importantes vitórias contra adversários ocidentais, que eram utilizadas como propaganda, autoridades soviéticas viam seus jogadores de hóquei “na ponta de lança do conflito ideológico (...) em um papel de guerreiros ideológicos” (BAUMANN, 1988, p. 163). O fato dos soviéticos, com apoio internacional, utilizarem em torneios amadores jogadores que seriam mais bem caracterizados como profissionais, enquanto os canadenses, aos respeitarem as regras, não podiam utilizar seus melhores jogadores, criou ressentimento no Canadá. Como uma democracia preocupada com direitos humanos, Ottawa tinha seus próprios motivos de desgosto perante o comunismo soviético. Além disso, o Canadá há tempos dominava as competições mundiais de hóquei, o esporte que proporcionava uma das principais formas de construção de uma identidade nacional canadense própria.⁵ Já em 1949, os canadenses reconheciam que os esportes “haviam se tornado eventos de significância política”, com o diplomata e futuro primeiro ministro Lester Pearson assinalando que “o esporte internacional é o meio de se conquistar triunfos sobre outras nações” (MACINTOSH; GREENHORN, 1993, p. 98). Os americanos haviam sido os principais oponentes do Canadá durante seu período de domínio internacional, mas o hóquei dos Estados Unidos entrou em declínio depois de 1960, o que tornou a medalha de ouro de 1980 ainda mais surpreendente. O declínio americano no hóquei nesses anos, em especial se comparado aos soviéticos, se assemelhava ao aparente declínio geopolítico do mesmo período. Para a Tchecoslováquia, uma aliança próxima da União Soviética não

⁴ Os russos praticavam um jogo similar, mas não participavam de competições internacionais de hóquei no gelo até o pós-segunda guerra mundial. Para mais sobre as origens do hóquei soviético, ver Baumann (1988), Tarasov (1972), Jokisipilä (2006), Cantleton (2003) e Stark (2003).

⁵ Ver, por exemplo, Michael A. Robidoux (2002).

contava com aprovação popular, e o hóquei se tornou um escape para as frustrações tchecoslovacas e uma rara oportunidade de se obter uma “vitória” sobre seu aliado, ainda mais após a invasão soviética de agosto de 1968.

Esse artigo visa identificar e explicar algumas das principais relações entre política e hóquei na Guerra Fria, iniciando-se pelo desenvolvimento inicial do período e depois abordando as contradições e complexidades da *détente*, examinando a controvérsia sobre o uso do “amadorismo marrom” pelas nações do bloco oriental. O artigo é concluído com o debate sobre os ganhos soviéticos e o declínio americano tanto no hóquei como na política internacional no final dos anos 1970, o que fez com que a vitória em Lake Placid ressoasse tanto entre os americanos, até mesmo os que não davam muita importância ao esporte.

Política e hóquei no princípio da Guerra Fria (1947-1969)

Questões geopolíticas interagiram com o hóquei internacional quase que desde o início da Guerra Fria. Em 1947, Praga sediou o campeonato mundial e a seleção anfitriã da Tchecoslováquia venceu o torneio. Naquela época, a Tchecoslováquia ainda era uma nação democrática, ainda que uma com forte presença comunista no governo e fortes laços com os soviéticos. Os tchecoslovacos haviam aprendido uma dura lição na Conferência de Munique em 1938, na qual britânicos e franceses tentaram “acalmar” Hitler, desrespeitando seus compromissos de tratados com a Tchecoslováquia e permitindo que os alemães anexassem os Sudetos. Como observou o historiador Donald Kagan, ingleses e franceses “tentaram alcançar a paz à custa de uma nação pequena e fraca que havia depositado sua confiança nas nações que a jogaram aos lobos selvagens para preservar, conforme acreditavam, sua própria segurança” (KAGAN, 1996, p. 405). Determinados a não serem jogados novamente aos lobos por democracias ocidentais que não podiam ser confiadas, os líderes tchecoslovacos do pós-guerra procuraram se aproximar de Joseph

Stalin, que providenciaria garantias soviéticas da segurança nacional, ao mesmo tempo em que asseguraria o governo democrático e o controle tchecoslovaco dos assuntos internos. O presidente Eduard Beneš tentou realizar na Tchecoslováquia a visão que o presidente americano Franklin Roosevelt tinha para todas as nações da Europa oriental: um governo eleito democraticamente aliado à União Soviética, o que aliviaria as preocupações de Stalin quanto à segurança. Antes de fevereiro de 1948, Stalin tolerava a democracia e o governo tchecoslovaco, com não-comunistas em posições cruciais.

Isso mudou após a oferta de ajuda norte-americana a toda a Europa, com o Plano Marshall. Stalin viu os dólares americanos como uma isca para atrair os países da Europa oriental a terem laços econômicos mais fortes com o ocidente, o que levaria a maiores aproximações políticas e erodiria a influência soviética em uma área vista como vital para sua segurança.⁶ Na Tchecoslováquia, uma complexa série de eventos culminaram no golpe comunista de 1948 e no subsequente assassinato do ministro do exterior Jan Masaryk por defenestração. Por ele ser também o filho do primeiro presidente da Tchecoslováquia, muitos no ocidente viram a morte de Masaryk como um símbolo vívido tanto do fim da promessa democrática tcheca como da brutalidade com que os soviéticos controlariam as nações comunistas na Europa oriental.⁷

O golpe comunista na Tchecoslováquia ocorreu na véspera dos Jogos Olímpicos de inverno de 1948, em Saint Moritz, onde o hóquei americano demonstrou a desordem que pode ser parte de sociedades abertas e democráticas: duas equipes americanas de hóquei chegaram em St. Moritz, ambas reivindicando ser a seleção olímpica dos Estados Unidos.⁸

⁶ Para maiores informações sobre as percepções soviéticas do Plano Marshall como um ato agressivo dos Americanos, ver “Cold War International History Project, Working Paper n. 9, New evidence on the Soviet rejection of the Marshall Plan, 1947: two reports”. Washington, D.C.: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 1994.

⁷ Para maiores informações sobre o golpe na Tchecoslováquia, ver Kaplan (1987) e Ullman (1978). Para um relato de um membro do governo Beneš, ver Ripka (1950).

⁸ Para um tratamento acadêmico do assunto, ver MacDonald (1998).

Uma era organizada pela União Atlética Amadora (*Amateur Athletic Union – AAU*) e reconhecida pelo comitê olímpico dos EUA (*U.S. Olympic Committee – USOC*); a outra era organizada e reconhecida pela Associação de Hóquei Amador dos Estados Unidos (*United States Hockey Association – AHA*). Os dois times surgiram de uma disputa entre a AHA e Avery Brundage. O último era um americano, antigo dirigente do Comitê Olímpico Internacional (COI), que exerceu o cargo de presidente do COI de 1952 a 1972. Brundage era um devoto do amadorismo puro que levantou polêmica no movimento olímpico por conta do que seus críticos chamaram de métodos ditatoriais.⁹ Ele acreditava que a AHA não era rigorosa o suficiente em sua aplicação do amadorismo e por isso encorajou a AAU a enviar uma equipe e a apoiou na disputa. Enquanto isso, a AHA contava com o respeito e o apoio da organização internacional de hóquei no gelo, então conhecida por *Ligue International de Hockey sur Glace* (LIHG). Para complicar ainda mais, o COI se alinhou ao time do USOC e da AAU e os organizadores de St. Moritz simpatizavam com o da LIHG e da AHA (ALLEN, 1997, capítulo 6; GUTTMAN, 1984, p. 103-107; SENN, 1999, p. 78-79).¹⁰

Após discussão considerável, a equipe da AHA disputou os jogos, mas o COI anunciou que não reconheceria o torneio de hóquei como uma competição olímpica oficial.¹¹ Eventualmente, o COI reverteu sua posição e decidiu reconhecer o torneio de hóquei como parte das Olimpíadas, ainda que continuasse se recusando a reconhecer o

⁹ Para uma introdução a Brundage, ver Guttman (1984).

¹⁰ Para relatos contemporâneos da disputa, ver “Olympic ice dispute headed for showdown”. *Washington Post*, 21 jan. 1948, p. 19; “Athletes of 27 nations annoyed by chaotic affairs in St. Moritz”. *New York Times*, 30 jan. 1948, p. 26; “Sabotage, fist fights and continued disputes peril Winter Olympics’ future”. *New York Times*, 31 jan. 1948, p. 15. Todos os artigos foram obtidos via ProQuest [daqui em diante, ProQuest].

¹¹ Resultados das competições olímpicas de hóquei foram divulgados como “não-oficiais” ou “não-olímpicos”. Ver, por exemplo, “Olympic Results and Standings”. *New York Times*, 2 fev. 1948, p. 22; 3 fev. 1948, p. 32; 4 fev. 1948, p. 29. Todos ProQuest.

time da AHA como um participante oficial.¹² Parte da honra do COI foi resgatada quando os americanos perderam seu jogo final contra a Tchecoslováquia, o que os fez cair para a quarta posição e evitou uma batalha entre o COI e os organizadores suíços sobre se os americanos poderiam receber medalhas ou não. O ressentimento acerca do episódio parecia, no entanto, continuar: anos depois, materiais oficiais da USOC listando todos os competidores e resultados americanos em Olimpíadas passadas incluíam apenas o time de hóquei da AAU das Olimpíadas de 1948, junto com uma nota de que a equipe “não participou” devido a uma “disputa sobre a elegibilidade do time”. O registro oficial do USOC não incluiu nenhuma referência ao time de hóquei que efetivamente representou os Estados Unidos em 1948, assim como também não mencionou que a disputa foi causada inteiramente pelos próprios americanos (USOA, 1961, p. 375).¹³

Aquele time da AHA que jogou em St. Moritz também testemunhou os primeiros estágios do golpe na Tchecoslováquia. Sua turnê pré-olímpica incluiu jogos em várias cidades do país. Durante a turnê, os jogadores viajaram pela Tchecoslováquia no vagão ferroviário privado de Masaryk e o Ministro do Exterior conversou com cada um de seus hóspedes americanos individualmente. Em uma manhã, as equipes dos Estados Unidos e do Canadá foram chamadas ao lobby do hotel e foram retiradas do país pela Real Força Aérea canadense devido ao agravamento da crise.¹⁴

Enquanto aquele time americano de 1948 testemunhou eventos políticos internacionais em primeira mão, paralelos diretos entre política e esporte eram evidentes em alguns eventos no bloco soviético em 1950. O clube da Força Aérea Soviética, dirigido

¹² Ted Smits. “AHA ignored as hockey recognition is restored”. Washington Post, 8 fev. 1948, sec. C, p. 1, ProQuest.

¹³ Os organizadores suíços dos Jogos de Inverno de 1948 não tinham tais preocupações. Seu relatório oficial identificava os membros da equipe da AHA e não incluía referência à disputa sobre as equipes americanas. “Rapport Général sur les Ves Jeux Olympiques D’Hiver St-Moritz 1948”. Lausanne: Comitê Olímpico Suíço, s.d., p. 70. (relatórios olímpicos oficiais estão disponíveis no site da Amateur Athletic Foundation of Los Angeles. Disponível em: <www.la84foundation.org/5va/reports_frmst.htm>. Acesso em: 27 mar. 2008).

¹⁴ Entrevista pelo telefone. Jack Kirrane para John Soares, 4 fev. 2004. Registro em posse do autor.

por Vassily Stalin, filho do ditador Joseph Stalin, foi um dos times da elite russa até que um acidente aéreo em 1950 matou a maioria de seus jogadores. Ao invés de publicar o desastre e honrar os falecidos pioneiros do hóquei soviético, delegados do Kremlin apenas montaram um time substituto construído ao redor do sobrevivente Vsevolod Bobrov, o lendário jogador de futebol e hóquei soviético que havia dormido demais e perdido o mal fadado voo.¹⁵ Quando o clube da Força Aérea Soviética compareceu para seu próximo jogo, esse time substituto entrou no gelo e foi anunciado como o time do clube da Força Aérea Soviética. A fim de não divulgar algo que pudesse “fazer as forças do imperialismo mundial celebrar”, o governo soviético nunca reconheceu oficialmente esse evento.¹⁶ No esporte, assim como em muitos outros aspectos da sociedade, a verdade nem sempre apresentou uma ligação próxima com os pronunciamentos do Kremlin.¹⁷

O hóquei também demonstrou a natureza dos regimes comunistas na Tchecoslováquia, em 1950. Os tchecoslovacos haviam vencido o campeonato mundial de hóquei de 1949, mas haviam sido proibidos de defender seu título em 1950, em Londres, uma vez que o regime de Praga temia que seus atletas pudessem desertar. No entanto, a explicação oficial foi de que o governo britânico havia se recusado a emitir vistos aos membros da mídia tcheca.¹⁸ Além do time ter sido proibido de competir no campeonato mundial, sete membros da equipe foram depois a julgamento sob acusações de planejar sua fuga do país.¹⁹ O medo de Praga de que seus principais atletas pudessem desertar não eram

¹⁵ “Russia’s hockey hall of fame.” Moscow Times, 1 mar. 1997, n. 1159, artigo obtido via LexisNexis [daqui em diante, LexisNexis].

¹⁶ Apud Igor Marinov. “The Air Force ice hockey team tragedy”. Moscow News, 5 mar. 1993, n. 10. LexisNexis.

¹⁷ Informação adicional sobre o acidente pode ser encontrada em Kevin Sherrington. “Russian speaks of 1950 tragedy”. Toronto Star, 11 fev. 1992, sec. B, p. 3. LexisNexis.

¹⁸ “Players reported seized: trip off, 4 on Czech ice hockey team said to be held”. New York Times, 15 mar. 1950, p. 2; “Czech team not to visit London”. Times (Londres), 14 mar. 1950, p. 6. O governo britânico anunciou que teria pedido a Praga que desse entrada nos pedidos de visto “a tempo”, mas os tchecoslovacos atrasaram seus processos até pouco antes de sua partida planejada. Ainda assim, os britânicos emitiram os vistos e os disponibilizaram no consulado britânico em Praga antes do embarque.

¹⁹ “11 on trial in Prague for trying to leave”. New York Times, 6 out. 1950, p. 12.

apenas fruto da imaginação coletiva do regime: pouco depois do time de hóquei ter sido mantido em casa no campeonato mundial, Aja Vrzanova, a campeã mundial tcheca de patinação artística no gelo, desertou para o ocidente após o torneio mundial em Londres.²⁰

A geopolítica invadiu novamente o hóquei internacional após a vitoriosa estreia da União Soviética no hóquei olímpico em Cortina, em 1956. Os soviéticos defenderam seu título ao sediar o campeonato mundial de 1957 em Moscou.²¹ Meses antes da abertura dos jogos, no entanto, os soviéticos invadiram a Hungria e depois executaram o líder húngaro Imre Nagy em resposta a sua proclamada intenção de se retirar do Pacto de Varsóvia e adotar uma política externa neutra.²² Em novembro de 1956, o Canadá anunciou que não enviaria um time para o campeonato mundial em Moscou.²³ A Suíça e outras democracias ocidentais se uniram ao boicote.²⁴ Ainda que neutra como os suíços, a Suécia participou do torneio e emergiu vitoriosa em um torneio esvaziado. Os Estados Unidos tinham uma seleção nacional em turnê pela Europa, na esperança de que a Federação Internacional realocasse o campeonato para a Suécia. No final, foi anunciado nas vésperas do torneio que os americanos iriam aderir ao boicote.²⁵ Ausentes no campeonato mundial em 1957, os jogadores de hóquei dos Estados Unidos tiveram a chance de visitar a União Soviética em 1959. Como uma lembrança das recentes conquistas soviéticas na ciência e no espaço, os

²⁰ “Czech girl, world’s title skater, elects to stay in exile in Britain”. *New York Times*, 20 mar 1950, p. 1.

²¹ De 1920 a 1968, o campeão olímpico era reconhecido como campeão mundial. Em 1972 e 1976, campeonatos mundiais paralelos foram organizados. Em 1980, 1984 e 1988 não houve campeonato, mas os campeões olímpicos não foram reconhecidos como campeões mundiais. Ver notas em “IIHF World Champions”. Disponível em: <www.iihf.com/iihf-home/history/all-medalists/men.html>. Acesso em: 27 mar. 2008.

²² Para uma rápida introdução sobre a Revolução Húngara e a resposta soviética, ver Granville (1998) e Litván (1996).

²³ “Canada out of tourney: will not send squad to World Hockey at Moscow in ’57”. *New York Times*, 15 nov. 1956, p. 45. ProQuest.

²⁴ “Swiss boycott reds”. *Los Angeles Times*, 29 dez. 1956, sec. A, p. 4. ProQuest.

²⁵ “Russians voice surprise at decision of U.S. hockey team to cancel visit”. *New York Times*, 17 fev. 1957, p. 32; “U.S. denies imposing barrier”. *New York Times*, 17 fev. 1957, p. 32. Para mais sobre a esperança americana de que o torneio fosse mudado para Estocolmo, ver Joseph C. Nichols. “Wild Bill Stewart’s U.S. sextet hopes to tame its rivals”. *New York Times*, 1 fev. 1957, p. 39. ProQuest. Para um olhar soviético contemporâneo do torneio, ver “Закончился Чемпионат Мира и Европы по Хоккею”. *Правда*, 6 mar. 1957, p. 6.

americanos foram servidos um almoço onde os centros de mesa eram miniaturas do satélite artificial *Sputnik*, que os soviéticos haviam lançado em 1957, enquanto o programa espacial norte-americano estava naufragando.²⁶

O hóquei desempenhou um papel um pouco diferente ao fornecer um exemplo de détente entre as superpotências nas Olimpíadas de inverno de 1960. Em um período onde as relações russo-americanas eram marcadas principalmente por conflito e rivalidade, as Olimpíadas de Squaw Valley viram os jogadores de hóquei dos dois países se socializarem “como irmãos de uma fraternidade” e construírem uma amizade que duraria por décadas.²⁷ Um jogador americano falou sobre os soviéticos: “Eles são grandes amigos. Eles não falam de comunismo. Assim como nós, eles falam de hóquei – e de mulheres”.²⁸ No último dia dos jogos, o capitão soviético Nikolai Sologubov visitou o vestiário americano antes do terceiro e último tempo do jogo dos americanos conta a Tchecoslováquia, para animar seus amigos americanos (e sugerir que utilizassem oxigênio, que não era contra as normas olímpicas). Depois da vitória americana, muito foi dito nos Estados Unidos sobre o espírito esportivo de “Solly”. No entanto, a maioria dos americanos não percebeu a verdadeira motivação da sugestão de Solly: como o título europeu de hóquei era determinado pela ordem dos países europeus na classificação final das Olimpíadas, a vitória dos Estados Unidos sobre a Tchecoslováquia naquela manhã passou a coroa europeia para os soviéticos.²⁹

²⁶ Woody Paige. “Squaw Valley squad wallows in golden dust”. Denver Post, 17 fev. 2002, sec. C, p. 1; LexisNexis.

²⁷ Essa é a descrição do jornalista John Powers. Ver John Powers. “Road to Salt Lake”. Boston Globe, 20 jan. 2002, sec. C, p. 13. LexisNexis.

²⁸ Bob Cleary apud Bill Wallace. “Opinion: first Olympic hockey miracle men are worth remembering”. Bridge News, 29 fev. 2000. LexisNexis.

²⁹ Nos jogos olímpicos de hóquei, mesmo as disputas que colocassem nações europeias contra oponentes não-europeus contavam ao determinar o campeão europeu. A derrota para os Estados Unidos na última manhã derrubou a Tchecoslováquia para a quarta posição nas olimpíadas. Isso foi importante quando o Canadá derrotou os soviéticos naquela tarde, rebaixando-os para a terceira posição no pódio. Esse resultado, com uma vitória da Tchecoslováquia sobre os Estados Unidos, teria dado aos tchecoslovacos o título Europeu.

A política internacional interveio no campeonato mundial de hóquei novamente em 1962, quando os Estados Unidos sediaram o evento, no Colorado. Uma vez que as nações ocidentais não reconheciam o governo da Alemanha Oriental, qualquer alemão oriental viajando ao ocidente precisava de documentos de autorização emitidos pelo Serviço de Viagens dos Aliados, dirigido por americanos, ingleses e franceses em Berlim Ocidental. Como retaliação pela construção do muro de Berlim pelos comunistas, em 1961, o Serviço de Viagens dos Aliados parou de emitir os documentos necessários para quase todos os casos, com muitas poucas exceções – e o time de hóquei da Alemanha Oriental que estava programado para participar do campeonato mundial *não* era um desses casos. Sem os documentos necessários do Serviço de Viagem dos Aliados, o time de Alemanha Oriental não pôde nem mesmo pedir os vistos para o Departamento de Estado norte-americano. Assim, eles não puderam ir aos Estados Unidos para participar do torneio.³⁰

Esse impedimento de viagem foi visto com grande criticismo internacional. O COI chamou a exclusão dos alemães orientais do campeonato de hóquei (assim como de um evento de esqui contemporâneo, na França) de “indesculpáveis violações dos princípios olímpicos”.³¹ Por consideração a seu irmão comunista, os times soviético e tchecoslovaco boicotaram o torneio.³² Os soviéticos fizeram uma petição à federação mundial de hóquei (então conhecida como International Ice Hockey Federation, ou IIHF) para que esta descredenciasse o torneio, de forma a que seu vencedor não fosse reconhecido como

³⁰ Max Frankel. “West bars East Germans in retaliation for the wall”. New York Times, 27 jan. 1962, p. 1; “Allied sources indicate athletes have ‘no chance’ for visas: travel ‘reprisal’ imperils 2 meets”. New York Times, 31 jan. 1962, p. 24; “East German hockey team is barred from U.S.”. New York Times, 1 fev. 1962, p. 27.

³¹ “Cold War called Olympic threat”. New York Times, 29 mar. 1962, p. 36.

³² Romênia e Iugoslávia também se uniram a seus camaradas comunistas no boicote ao torneio. “Russians withdraw from World Hockey in Colorado next month: Communist Bloc likely to follow”. New York Times, 16 fev. 1962, p. 22; “Czech demand made”. New York Times, 18 fev. 1962, sec. 5, p. 13; “Revised hockey draw will omit five nations”. New York Times, 20 fev. 1962, p. 42; “Yugoslavs withdraw”. New York Times, 21 fev. 1962, p. 60.

campeão mundial.³³ Os tchecoslovacos pediram que a IIHF mudasse a competição para outro país, no qual todos os participantes pudessem ir e se ofereceram para sediar o torneio, com Praga como cidade sede.³⁴ A IIHF recusou ambos os pedidos e o torneio foi realizado em Colorado, com a neutra Suécia mais uma vez aparecendo como campeã mundial em mais um torneio esvaziado. Os governos de Praga e Moscou estavam alinhados nesse boicote do campeonato de 1962, mas seu relacionamento não seria sempre marcado por tal amizade.

As relações entre os membros da OTAN também não eram sempre harmoniosas, mas as democracias ocidentais eram capazes de gerenciar suas rugas mais respeitosamente do que seus rivais comunistas. Quando os franceses anunciaram sua intenção de se retirar do comando unificado da OTAN, os americanos e outros aliados negociaram seu permanecimento em condições viáveis e integraram seus esforços militares na defesa da Europa Ocidental.³⁵ Isso apresentava grande contraste com o tratamento soviético na Hungria em 1956. Os soviéticos enfrentariam desafios ainda maiores na Tchecoslováquia, em 1968, quando a “Primavera de Praga” ocorreu sob um governo buscando se liberalizar, ainda que se conservando no comunismo e no Pacto de Varsóvia. Essa tentativa de um “socialismo com face humana” ameaçava uma abertura que os líderes soviéticos temiam que se espalhasse por outras nações da Europa Oriental e que pudesse levar, em última instância, ao fim do controle comunista na região. Assim como no caso da

³³ “Soviet Union move to downgrade World Hockey tourney rejected”. New York Times, 8 mar. 1962, p. 38. A incapacidade dos atletas da Alemanha Oriental de participarem de eventos alterou competições em outros esportes. O campeonato mundial de esqui, programado para Chamonix, na França, foi rebaixado de forma que não fosse considerado um campeonato oficial. Os campeonatos mundiais de levantamento de peso foram transferidos de Hershey, Pennsylvania, para Budapeste, Hungria. Ver “Chamonix skiing meet loses its World Championship designation”. New York Times, 6 fev. 1962, p. 54. ProQuest; e “Weight lifters latest affected in war of visas”. Washington Post, 9 mar. 1962, sec. C, p. 4. ProQuest.

³⁴ “Czechs ask to stage Hockey”. New York Times, 2 fev. 1962, p. 34.

³⁵ Para uma rápida introdução à França e OTAN, ver Cogan (1997).

Hungria, em 1956, Moscou enviou novamente tanques e tropas para uma nação aliada.³⁶

Após a invasão soviética da Tchecoslováquia, as relações políticas entre Moscou e Praga melhoraram, mas o povo tchecoslovaco sentia-se hostil perante seus aliados soviéticos, o que se manifestou nas competições internacionais de hóquei. No campeonato mundial de hóquei de 1969, o time tchecoslovaco derrotou a União Soviética duas vezes.³⁷ A primeira vitória levou a festejos em Praga, e a segunda trouxe festas que se tornaram revoltas. Postos militares soviéticos foram atacados e o escritório em Praga da Aeroflot, a companhia aérea estatal soviética, foi invadido. Alguns dos protestantes gritavam “Viva Mao!”, em uma demonstração de veneração pelo líder da China comunista, o que dificilmente agradaria os ocupantes soviéticos em um período de crescentes tensões sino-soviéticas.³⁸ Irritados com essa demonstração de sentimentos anti-soviéticos, o exército soviético intensificou ainda mais a repressão em sua tentativa de controlar os tchecoslovacos.³⁹ Isso apenas aumentou a hostilidade tchecoslovaca perante os soviéticos. Mark Howe, um antigo veterano da NHL e membro da equipe olímpica americana de 1972, assistiu a batalha tchecoslovaco-soviética em Sapporo e, anos depois, comentou: “até hoje, eu nunca vi um jogo de hóquei mais brutal do que aquele. O goleiro tcheco deve ter quebrado uns cinco tacos nos jogadores russos”. No final do jogo, com os tchecoslovacos enfrentando uma derrota incontornável por 5-2, um de seus defensores dominou o disco na zona soviética. Ao invés de tentar marcar um gol, ele disparou contra o banco de reservas

³⁶ Há uma extensa literatura sobre as reformas na Tchecoslováquia e a reação soviética. Leitores a procura de fontes em inglês podem começar por Williams (1997) e Mlynár (1980).

³⁷ Apesar das duas vitórias da Tchecoslováquia sobre os soviéticos, a URSS conquistou novamente o título mundial: em um campeonato onde todos se enfrentavam em dois turnos, a Tchecoslováquia também sofreu duas derrotas e os soviéticos ficaram com o título no critério de desempate. Para mais informação sobre esse campeonato, ver Pelletier (2002).

³⁸ Alvin Shuster. “Aeroflot office burned in Prague”. *New York Times*, 29 mar. 1969, p. 5.

³⁹ Bernard Gwertzman. “Moscow says Prague allowed ‘anti-Soviet slander’ in Protest”. *New York Times*, 1 abr. 1969, p. 6; Alvin Schuster, “Anti-Soviet riot of Czechs brings new press curbs,” *New York Times*, 3 abr. 1969, p. 1.

soviético, em um gesto de frustração e raiva.⁴⁰

A hostilidade perante os soviéticos entre o povo da Tchecoslováquia não era exceção no bloco comunista. Até o hóquei ilustrou esse fato no caso de Ion Tiriac, membro da seleção romena. Mais conhecido como jogador profissional e agente de tênis, Tiriac também fora jogador da seleção nacional de hóquei romena desde os quinze anos.⁴¹ Tiriac alegou que, durante um jogo, ele lesionou um jogador soviético com um *body check*⁴² tão violento que outros jogadores soviéticos foram atrás de Tiriac até que ele quebrou seu taco sobre seu joelho, segurou as partes quebradas como lanças e desafiou todos os seus antagonistas soviéticos para uma briga.⁴³ Anedotas como essa não eram apenas histórias divertidas de atletas nervosos de times de hóquei desprivilegiados, elas revelavam um descontentamento mais profundo e difundido em relação aos laços de suas nações com Moscou, o que preocupava estrategistas militares do Kremlin. As democracias ocidentais poderiam ficar confiantes de que seu povo apoiava sua associação à OTAN e sua ligação com os Estados Unidos, mas no caso de uma crise, os soviéticos teriam que se preocupar com a insolência, ou mesmo com a sabotagem, entre a população de seus aliados.

O hóquei e a complexidade da Détente (1969-1979)

Pouco após a invasão soviética da Tchecoslováquia ter introduzido novas hostilidades àquele relacionamento, as superpotências inauguraram um período no qual tentaram melhorar suas relações e administrar sua rivalidade pacificamente. Os Estados Unidos e a União Soviética buscaram um relaxamento de tensões conhecido como

⁴⁰ Apud (ALLEN, 1997, p. 68); ver também 1972 United States Olympic Book (1972, p. 260).

⁴¹ John Feinstein. "Agent Ion Tiriac: tennis' mystery man". Washington Post, 1 jul. 1986, sec. E, p. 1. LexisNexis.

⁴² O *body check* é uma jogada defensiva típica do hóquei sobre o gelo, na qual o defensor utiliza seu corpo para atingir o adversário que carrega o disco – ou o último a fazê-lo – em uma "trombada" com o quadril ou com o ombro. (N. do T.)

⁴³ Barry Lorge. "Tiriac: a champion's alter ego". Washington Post, 5 jan. 1978, sec. C, p. 1. LexisNexis.

détente.⁴⁴ O fato de esta ser uma palavra francesa sem uma tradução precisa em inglês e em russo capturava as ambiguidades do período. Realizações diplomáticas incluíram uma missão espacial conjunta Apollo-Soyoz, acordos comerciais americano-soviéticos, limitação de armas estratégicas e sistemas de defesa de mísseis, uma declaração de “Princípios Básicos de Relações Mútuas entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas”, e os acordos de Helsinque que reconheceram oficialmente as fronteiras europeias pós-Segunda Guerra Mundial e no qual seus signatários se comprometeram a proteger os direitos humanos.⁴⁵ No campo cultural, a *détente* possibilitou intercâmbios previamente impensáveis, que passaram pelo esporte. Uma prolongada visita a Moscou por Murray Williamson, técnico das seleções olímpicas de hóquei dos Estados Unidos de 1968 e 1972, ajudou a proporcionar uma melhora dramática no time americano e melhores relações entre as partes.⁴⁶ O contato entre times oficialmente amadores soviéticos e times profissionais americanos também se tornou comum. O momento áureo da *détente* para o hóquei ocorreu provavelmente em 31 de dezembro, 1975, na noite do que pode ter sido o maior jogo na história do hóquei: um empate de 3-3 no lendário Montreal Forum entre os perenemente poderosos Montreal Canadiens, que naquela primavera venceriam o primeiro de quatro campeonatos da Stanley Cup consecutivos,⁴⁷ e o melhor time da liga de elite soviética, o CSKA de Moscou.

Apesar dessas contribuições, a *détente* teve prós e contras. Seus defensores argumentavam que ela prometia um futuro de relações mais cooperativas entre os Estados

⁴⁴ Para um trabalho que coloque a *détente* em perspectiva internacional e lide com as dificuldades que líderes americanos e soviéticos enfrentavam com os custos correntes de uma Guerra Fria a todo vapor, ver Suri (2003).

⁴⁵ Para um tratamento mais exaustivo sobre o período da *détente*, ver Garthoff (1985).

⁴⁶ A seleção americana de 1972, que conquistou uma surpreendente medalha de prata, parecia encarar os soviéticos como algo a se aspirar, mais do que um grande rival. Para mais sobre os atletas olímpicos americanos de 1972, ver Caraccioli e Caraccioli (2006).

⁴⁷ Para leitores não familiarizados com o hóquei profissional na América do Norte, a principal liga profissional, a National Hockey League, organiza a Stanley Cup entre os vencedores de suas finais pós-temporada. A taça é nomeada em homenagem ao Lorde Stanley de Preston, Governador-Geral do Canadá no século XIX que doou a taça original a ser cedida ao melhor time de hóquei no Canadá.

Unidos e os soviéticos, ou ao menos reduzia o risco de um confronto apocalíptico. Críticos contra-argumentavam que a *détente* envolvia concessões americanas no interesse da paz que não eram correspondidas por uma contenção recíproca soviética. O líder soviético Leonid Brezhnev deixou essa impressão ao falar ao XXV Congresso do Partido, em 1976.

A *détente* não busca abolir, nem pode ela abolir ou alterar, as leis da luta de classe (...). Não fazemos segredo do fato de que vemos a *détente* como uma forma de criar condições mais favoráveis para a construção pacífica do socialismo e do comunismo.⁴⁸

Durante o período da *détente*, a combinação de imperativos ideológicos e de esforços cubanos levou ao apoio soviético a revolucionários comunistas, especialmente na África, o que parecia minar as promessas de contenção de Moscou.⁴⁹

O hóquei também ilustrava um risco em potencial para as nações menores na *détente*: o de que as superpotências, ao reduzirem as tensões entre si, poderiam cooperar de forma que prejudicasse seus respectivos aliados. Na última tarde do hóquei olímpico nos jogos de Sapporo, em 1972, os jogadores americanos assistiram o espetáculo entre os soviéticos e a Tchecoslováquia, no qual os últimos tinham a chance de conquistar a medalha de ouro. Ao invés de torcerem pelos fracos tchecoslovacos, em sua batalha contra o principal rival norte-americano na Guerra Fria, os americanos torceram pela União Soviética: além da longa visita de seu treinador à União Soviética ter contribuído para certa camaradagem entre americanos e soviéticos, uma vitória soviética sobre a Tchecoslováquia daria aos Estados Unidos a medalha de prata (CARACCIOLI e CARACCIOLI, 2006, p. 44). Assim, Sapporo espelhava Squaw Valley, em 1960, onde na manhã final os soviéticos torceram por uma vitória americana sobre a Tchecoslováquia.

O hóquei se tornou uma grande avenida da *détente*, em grande parte devido à

⁴⁸ Citação de Leonid I. Brezhnev (Report of the CPSU Central Committee and the Immediate Tasks of the Party in Home and Foreign Policy, 1976, p. 39).

⁴⁹ Para mais sobre o encorajamento cubano ao envolvimento soviético, ver Gabriel Garcia Marquez. "Cuba in Africa: seed Ché planted". Washington Post, 12 jan. 1977, sec. A, p. 12; e Anatoly Dobrynin (1995, p. 362).

iniciativa canadense. Visto que tanto os soviéticos como os canadenses se destacavam no jogo, o Primeiro Ministro canadense, Pierre Trudeau, achava que o hóquei seria um caminho lógico para a aproximação de laços soviético-canadenses. As possibilidades diplomáticas foram um importante fator de motivação por trás dos oito jogos da *Summit Series* de 1972, que colocou a seleção nacional soviética contra o esquadrão de estrelas canadenses da NHL.⁵⁰ É evidente que houve complicações: os canadenses (com exceção dos canadenses franceses) costumavam a jogar um tipo físico de hóquei que margeava os limites das regras e ofendia os europeus; e isso poderia debilitar a diplomacia. Ottawa já tinha visto exemplos de reação contrária a seu estilo de hóquei nas Olimpíadas de inverno de 1960, em Squaw Valley. O embaixador canadense em Estocolmo relatou o “fim abrupto e ignominioso” levado à “superfície plácida das relações sueco-canadenses” (MACINTOSH e GREENHORN, 1993, p. 99) causado pelo jogo de hóquei em Squaw Valley, o qual o *New York Times* chamou de “um jogo duro, marcado por uma briga” na qual dois jogadores suecos saíram machucados”.⁵¹

As chances de comportamentos anti-diplomáticos no hóquei soviético-canadense aumentavam por conta do que estava em jogo para os profissionais canadenses: eles se encontravam sob grande pressão para garantir tanto a honra nacional como sua credibilidade profissional. O hóquei no gelo é o jogo nacional canadense, com uma importância para essa nação que é difícil de explicar a não canadenses. Sem uma cultura nacional compartilhada por todos, ou mesmo uma língua comum, o hóquei no gelo era uma

⁵⁰ Para visões acadêmicas sobre o assunto, ver Macintosh e Hawes (1994); Morris Kurtz, (1981); e Macintosh e Greenhorn (1993, p. 106-108). Ver também Scott Morrison (1989). Muitos participantes canadenses escreveram sobre o campeonato depois. Um dos relatos mais atenciosos foi escrito pelo goleiro Ken Dryden, um aluno de Cornell que obteve um diploma em direito da McGill University enquanto jogava pelo Montreal Canadiens. Ver Dryden e Mulvoy (1973). A seleção canadense foi treinada por Harry Sinden, que havia treinado o Boston Bruins para o campeonato da Stanley Cup de 1970 e depois trabalhou por décadas como dirigente geral do Bruins. Sinden também se destacou por ser o capitão da equipe olímpica do Canadá de 1960, que foi surpreendida pelos Estados Unidos em sua inesperada medalha de ouro em Squaw Valley. Ver Harry Sinder (1972).

⁵¹ “U.S. gets 4 goals in 3d period to beat Czechs, 7-5, in hockey”. *New York Times*, 20 fev. 1960, p. 17.

das poucas coisas que poderia unir canadenses franceses e anglófonos. Os jogadores canadenses na *Summit Series* eram citados dizendo que a competição era uma “guerra sangrenta” e que colocava “nosso estilo de vida contra o estilo comunista”.⁵² O aspecto de “guerra sangrenta” da competição talvez tenha ficado mais aparente quando o canadense Bobby Clarke atingiu o tornozelo de Valerii Kharlamov, a estrela da equipe soviética, lesionando-o e reduzindo sua eficiência nos três últimos jogos da competição⁵³ (décadas depois foi revelado que Clarke havia sido instruído a neutralizar Kharlamov dessa forma pelo assistente técnico⁵⁴). De fato, esses jogos de hóquei eram uma turnê de boas relações na qual anfitriões e convidados batiam uns nos outros com tacos. Depois que os soviéticos conquistaram três vitórias e um empate nos primeiros cinco jogos, os canadenses uniram suas forças para vencer os três últimos jogos e o torneio por 4-3. Paul Henderson marcou o gol que deu a vitória no jogo e no torneio faltando apenas 34 segundos para o final do jogo. Aparentemente, todos saíam ganhando algo com esse resultado: os canadenses poderiam se orgulhar de ter recuperado a honra nacional ao vencer a série, ao passo que os soviéticos poderiam apontar que a pequena diferença mostrava que eram tão bons quanto os profissionais canadenses. Ao mesmo tempo, os críticos da violência na cultura canadense poderiam argumentar que os canadenses foram “obviamente superados em termos de habilidade e espírito esportivo” nos primeiros jogos, e que só conseguiram um resultado melhor através de “táticas agressivas e intimidadoras” que envolviam “agredir e machucar os jogadores soviéticos como filhotes de focas” (ROBIDOUX, 2002, p. 221).

⁵² Neil Davidson. “Century’s team never said die”. *Ottawa Citizen*, 16 nov. 1999, sec. B, p. 7; Jennifer Quinn. “Summit series team to be feted”. *Toronto Star*, 2 nov. 2005, sec. C, p. 8. Ambos LexisNexis.

⁵³ Dave Feschuk. “Clarke slashes back”. *National Post* (Ontario), 24 set. 2002, sec. S, p. 1. LexisNexis.

⁵⁴ Milt Dunnell. “Fergie ordered rap on Kharlamov’s ankle”. *Toronto Star*, 14 mar. 1987, sec. C, p. 1; George Johnson; “Calling for ‘the chop’ no-brainer, says Fergie”. *Calgary Herald*, 20 set. 2002, sec. F, p. 1; Ken McKee. “Canadians still discovering series secrets 20 years later”. *Toronto Star*, 25 set. 1992, sec. B, p. 8; Todas LexisNexis.

Outros limites das turnês de boa vontade da détente puderam ser vistas no *Philadelphia's Spectrum*, em 11 de janeiro de 1976. Se o memorável empate entre CSKA e Montreal em 31 de dezembro de 1975 era uma promessa de que o hóquei poderia funcionar como uma forma de intercâmbio cultural na détente, o jogo seguinte do CSKA, com o Philadelphia Flyers, então bicampeão da Stanley Cup, demonstrava o lado negativo do hóquei na détente. Como parte daquela turnê, o CSKA já havia goleado o New York Rangers (onde foram provocados por um torcedor que gritou: “esperem até você chegarem na Filadélfia”)⁵⁵ e derrotado o Boston Bruins. Na Filadélfia, eles encontraram um time conhecido como “os valentões da Borad Street”, um elenco de talento supostamente limitado, conhecido por intimidar e subjugar seus adversários através do jogo físico e de socos.⁵⁶ Havia um contraste evidente entre a violência dos valentões e a precisão suave do CSKA.

O embate de estilos aconteceu como o prometido, com a vitória dos Flyers sobre o CSKA por 4-1. A vitória foi o resultado do brilhantismo tático do técnico dos Flyers, Fred Shero. Este, elogiado pelo seu oponente soviético após o jogo como um “técnico muito

⁵⁵ Apud Robert Facht. “Touring Soviet hockey teams live in 2 different worlds”. *Washington Post*, 6 jan. 1976, sec. D, p. 1.

⁵⁶ Os Flyers são identificados como um time de talento “supostamente” limitado porque a atenção que atraíam devido a suas brigas sobrepujava a habilidade de muitos de seus jogadores. Entre os goleiros dos Flyers de 1975-76 estavam Bernie Parent, duas vezes vencedor do troféu Vezina de excelência no gol, e Wayne Stephenson, que conquistou um recorde de 93-35-22 em cinco temporadas pelo Philadelphia. Bobby Clarke, o capitão, havia sido escolhido o melhor jogador da liga três vezes e foi o jogador com mais assistências na liga naquele ano. Na liga, um artilheiro marcar vinte gols é considerado um grande feito, e cinquenta gols são considerados uma marca de grandeza na artilharia. Aquele time dos Flyers tinha dois artilheiros com cinquenta gols (Bill Barber e Reggie Leach, que liderava a artilharia da liga naquele ano com sessenta e um gols), e ainda contava com um jogador que havia marcado cinquenta gols três anos antes (Rick MacLeish). Quatro outros jogadores tinham marcado vinte gols em outras temporadas e tiveram dezenove ou mais gols naquela (Gary Dornhofer, Don Saleski, Mel Bridgman e Ross Lonsberry). Orest Kindrachuk computou vinte e seis gols e setenta e cinco pontos naquele inverno. Entre outros jogadores que participaram da campanha do título dos Flyers, mas que saíram antes do jogo com o CSKA, estavam Bill Clement e Simon Nolet, artilheiros de vinte gols, e Bill Flett, que marcou quarenta e três gols na temporada de 1972-73. Até mesmo dois jogadores dos Flyers de 1975-76, conhecidos pelo seu estilo de jogo físico, alcançaram a marca de vinte gols em algum ponto de sua carreira nos Flyers (“Encouraçado Bob” Kelly e Dave “o martelo” Schultz). “Modern Player Register”, em *Diamond* (2000, p. 833-1781).

progressista”,⁵⁷ era filho de imigrantes russos que fora criado em Winnipeg e lia romances russos “para aprender sobre o país de meu povo”.⁵⁸ Armado com seu conhecimento sobre cultura russa e seu estudo do hóquei internacional, Shero desenvolveu uma estratégia: ele percebeu que a abordagem soviética era utilizar seus passes e manobras fora da zona de ataque para fazer seus adversários saírem de suas posições, para então atacar. Seus Flyers se recusaram a cair nessa armadilha, esperando os soviéticos partirem para o ataque, onde então eles castigavam seus visitantes fisicamente.⁵⁹ O domínio do Philadelphia foi tão grande que, além de terem vencido o jogo por 4-1, eles bateram os soviéticos em tiros ao gol pela grande diferença de 49-13. Seu feito, no entanto, foi denegrido por queixas de que os Flyers jogavam o que os soviéticos chamaram de “hóquei animal”.⁶⁰ Com pouco mais de onze minutos de jogo, quando os Flyers já batiam seus visitantes em tiros ao gol por 12-2, o jogo foi interrompido quando o técnico soviético, Konstantin Loktev, chamou seu goleiro para protestar que nenhuma penalidade havia sido marcada quando o jogador do Philadelphia, Ed Van Impe, derrubou o craque soviético Kharlamov. Isso levou o árbitro a marcar uma penalidade contra os soviéticos, o que por sua vez fez com que estes abandonassem o gelo em protesto e ameaçassem abandonar o jogo.⁶¹

A susceptibilidade soviética à persuasão capitalista pode ser observada durante as negociações para o reinício do jogo: os soviéticos foram ameaçados com a perda do dinheiro que receberiam pela realização da turnê caso o CSKA se recusasse a terminar o jogo com os Flyers. Depois que o CSKA voltou ao gelo e os Flyers terminaram sua surra, a

⁵⁷ Apud “Flyers (Soviet translation: animals) rout red army”. Los Angeles Times, 12 jan. 1976, sec. 3, p. 2.

⁵⁸ Apud Roger Kahn. “The Flyers and a hero named Shero”. New York Times, 18 jan. 1976, sec. 5, p. 2.

⁵⁹ Fred Shero. “The top man tells why the Flyers beat the Russians”. New York Times, 14 mar. 1976, sec. 5, p. 2.

⁶⁰ Konstantin Loktev, técnico soviético, apud Robin Herman. “Russians stage walkout during 4-1 hockey loss to Philadelphia”. New York Times, 12 jan. 1976, p. 33; e Robert Facht. “Flyers intimidate Soviet army, 4-1”. Washington Post, 12 jan. 1976, sec. C, p. 1.

⁶¹ Robin Herman. “Russians stage walkout during 4-1 hockey loss to Philadelphia”. New York Times, 12 jan. 1976, p. 33; Roger Kahn. “The Flyers and a hero named Shero”. New York Times, 18 jan. 1976, sec. 5, p. 2.

atuação dos Flyers foi duramente criticada. Robert Facht, escritor do *Washington Post*, em uma coluna intitulada “A détente leva uma surra dos valentões de Broad Street”, protestou que “aquilo que deveria ter sido um dos maiores jogos de hóquei de todos os tempos se tornou apenas mais um pobre incidente na maculada história do esporte internacional”.⁶² Dave Anderson, lendário jornalista esportivo do *New York Times*, escreveu uma coluna intitulada “Uma lição de hóquei para o Dr. Kissinger”, na qual proclama que “o triunfo do terror contra o estilo não poderia ter sido mais unilateral nem mesmo se Al Capone tivesse feito uma emboscada para os dançarinos do Ballet Bolshoi”.⁶³ Em oposição, o famoso jornalista esportivo Roger Kahn elogiou a tática de Shero e escreveu que ele e Anderson “simplesmente não assistiram o mesmo jogo de hóquei”.⁶⁴

Enquanto alguns americanos aplaudiram e outros ficaram horrorizados, os portavozes soviéticos se sentiam obviamente ultrajados com a violência excessiva dos Flyers. Uma revista infantil soviética publicou uma charge na qual os Flyers apareciam como monstros gigantes com uniformes de hóquei, segurando grandes clavas no lugar de tacos de hóquei.⁶⁵ Os jogadores da NHL, por seu lado, denunciaram as jogadas ilegais mais cuidadosamente escondidas dos jogadores soviéticos. Bob Kelly, dos Flyers, falou sobre os soviéticos: “tudo o que eles fazem é te acertar, segurar e chutar”.⁶⁶ O *Los Angeles Times* publicou uma foto da estrela dos Flyers, Bobby Clarke, com sangue escorrendo pelo lado de seu rosto, de um corte provocado pelo taco de um patinador soviético.⁶⁷ Na verdade, todo o episódio serviu como uma demonstração da confusão que cercava a détente: muitos

⁶² Robert Facht. “Détente takes beating from broad street bullies”. *Washington Post*, 13 jan. 1976, sec. D, p. 1. ProQuest.

⁶³ Dave Anderson. “A hockey lesson for Dr. Kissinger”. *New York Times*, 12 jan. 1976, p. 47. ProQuest.

⁶⁴ Roger Kahn. “The Flyers and a hero named Shero”. *New York Times*, 18 jan. 1976, sec. 5, p. 2.

⁶⁵ A charge, que apareceu em Комсомольская Правда, foi reproduzida pela Associated Press e apareceu com o artigo “Soviet press castigates Flyer tactics, referee”. *New York Times*, 14 jan. 1976, p. 47. ProQuest.

⁶⁶ Apud “The view from Philadelphia”. *Los Angeles Times*, 13 jan. 1976, sec. D., p. 2. ProQuest.

⁶⁷ Var imagem legendada “Battle Casualty”. *Los Angeles Times*, 12 jan. 1976, sec. 3, p. 1. Os soviéticos, é claro, não nutriam amores por Clarke depois de seu ataque a Kharlamov durante as *Summit Series* de 1972.

americanos se sentiam ultrajados com o tratamento dado a visitantes do exército soviético por um grupo de canadenses trabalhando na Filadélfia. Enquanto isso, a violência daquele jogo na Filadélfia, e o encontro anterior do CSKA com o Boston, limitaram o componente de boa vontade da turnê.

O “amadorismo marrom” soviético e a resposta comum ocidental

Os jogadores americanos e canadenses concordavam com mais do que a simples hostilidade ao comunismo. Todos criticavam a utilização, pelos atletas do bloco comunista, do “amadorismo marrom”: os jogadores recebiam subsídios do Estado para treinamento em tempo integral, enquanto oficialmente serviam como oficiais militares, o que mantinha seu estatuto de amadores porque, tecnicamente, não estavam sendo pagos para jogar o esporte.⁶⁸ A lendária estrela do hóquei soviético, Boris Mikhailov, teria dito anos mais tarde: “fui promovido de soldado a tenente coronel, mas não fiz nenhuma das coisas de exército”.⁶⁹ Para melhorar seu programa de hóquei, o regime de Moscou poderia utilizar uma grande variedade de incentivos, incluindo coerção, para garantir que os melhores jogadores estavam se desenvolvendo desde jovens e estavam plenamente motivados. No economicamente inepto sistema soviético, o Estado utilizava qualquer armadilha material que ele conseguisse com os atletas que tivessem vitórias para a propaganda soviética em competições olímpicas ou mundiais.⁷⁰ Mais do que isso, os calendários das ligas nacionais eram estruturados com base nos torneios olímpicos e nas oportunidades de enfrentar profissionais norte-americanos.⁷¹ A interação entre militares e programas esportivos

⁶⁸ Para uma visão acadêmica sobre as apresentações dos soviéticos no ocidente, ver Cermak (1997).

⁶⁹ Filme “Do you believe in miracles? The story of the 1980 U.S. hockey team”. Prod. Brian Hyland, 60 mins., HBO Sports video, 2001.

⁷⁰ Para mais sobre o sistema esportivo soviético, ver Brokhin (1978); Riordan (1977) e Edelman (1993).

⁷¹ Yevgeny Rubin. “The Soviet hockey team and its special incentive”. *New York Times*, 4 fev. 1979, sec. 5, p. 2. Rubin foi identificado pelo *Times* como um antigo “repórter de hóquei do o jornal soviético Esportes Soviéticos” que “emigrou da União Soviética” em 1978.

envolviam dois dos mais importantes componentes da sociedade soviética trabalhando em conjunto para criar uma aldeia de Potenkim em escala internacional. Os benefícios da propaganda para o bloco comunista por conta desses esforços eram substanciais. As estrelas do hóquei soviético passaram a ser conhecidas no ocidente. Por exemplo, em 1972 o Minnesota North Stars se ofereceu a pagar \$1 milhão pelo grande atacante Kharlamov,⁷² e em 1980 o Montreal Canadiens teria tentado adquirir o lendário goleiro Vladislav Tretiak.⁷³ Atletas olímpicos de outros esportes também exibiam o comunismo de forma favorável e eram admirados no ocidente, especialmente a ginasta soviética Olga Korbut, a ginasta romena Nadia Comaneci e Katarina Witt, patinadora artística da Alemanha Oriental.

As queixas ocidentais sobre o “amadorismo marrom” do bloco oriental eram, na verdade, anteriores à entrada dos soviéticos ao movimento olímpico, em 1951. Quando o COI começou a receber indícios de que os soviéticos e seus satélites fariam pedidos para serem reconhecidos, no final da década de 1940, o presidente do COI, Sigfrid Edström, e o vice-presidente, Avery Brundage, labutaram sobre como deveriam lidar com a questão. Quando Brundage se tornou presidente do COI em 1952, o assunto continuou sendo um problema. Apesar da preocupação do COI quando aos “amadores estatais”, seus líderes relutavam em excluir um importante bloco de nações. O COI se opunha a “discriminação política” e não queria tomar partido na Guerra Fria.⁷⁴ Assim, os soviéticos receberam permissão se de filiar ao COI e começaram a competir com grande sucesso nas Olimpíadas de verão de 1952 e nos jogos de inverno de 1956.

As respostas de Brundage quanto às reclamações de atletas do bloco ocidental

⁷² “Personalities: wells in limbo”. *New York Times*, 9 set. 1972, p. 19.

⁷³ E.M. Swift. “An army man to the core”. *Sports Illustrated*, 14 nov. 1983, p. 38-46.

⁷⁴ Brundage explicou, “Um dos princípios básicos do movimento olímpico é que não deverá haver discriminação contra qualquer país ou pessoa tendo em face raça, religião ou política” (LECHENPERG, s.d., p. 5).

variaram ao longo dos anos. Antes mesmo dos soviéticos participarem do movimento olímpico ele alertou que os atletas do bloco soviético “com certeza não são amadores” (apud SENN, 1999, p. 92).⁷⁵ Outras vezes, ele comparou o apoio integral do Estado com as bolsas de estudo para atletas das universidades americanas ou reclamou do patrocínio de empresas a amadores ocidentais. Algumas vezes ele encorajou os americanos a prestarem mais atenção aos amadores do que aos profissionais. Em 1972, Brundage admitiu: “Ainda que [os jogadores soviéticos de hóquei] não recebam salários, eles são profissionais. Isso é errado e estamos tentando mudar nossas regras para enfrentar a situação”.⁷⁶

Brundage fez essa confissão durante os jogos de Sapporo, no qual os canadenses se recusaram a enviar um time de hóquei em protesto contra a injustiça no hóquei internacional. Depois do campeonato mundial de 1969, no qual a equipe amadora do Canadá terminou em quarto lugar, os delegados canadenses queriam que a IIHF revisse suas regras e organizasse um campeonato mundial “aberto”, no qual todos os países pudessem enviar seus melhores jogadores, independentemente de serem classificados como amadores ou profissionais. Devido à importância do Canadá para a IIHF, seus membros chegaram a um acordo em 1969, com uma fórmula que permitiria que os canadenses incluíssem alguns jogadores de ligas inferiores em seu time. No decorrer daquele ano, no entanto, os soviéticos queriam que o assunto fosse revisto, alegando estarem preocupados de que competir com times profissionais poderia eliminá-los das Olimpíadas de 1972. Essa era uma preocupação compreensível, uma vez que Brundage teria repetidamente ameaçado tais consequências por se competir contra profissionais.

⁷⁵ Um trecho maior da carta de Brundage para o então presidente do COI, Edström, datada de 7 dez. 1950, diz: “De todos os relatórios, os melhores atletas russos são protegés do Estado com todos os tipos de concessões e recompensas especiais. Com certeza, eles não são amadores. (...) De acordo com a filosofia comunista, todas as pessoas e tudo é subserviente ao Estado. É impossível, portanto, achar um Comitê Olímpico Nacional em qualquer país comunista que não esteja sob controle completo do Estado. Se obedecêssemos aos princípios olímpicos fundamentais e seguíssemos nossas regras e regulamentos, não poderíamos reconhecer nenhum Comitê Olímpico comunista”.

⁷⁶ “No pros in games, Brundage Avers”. New York Times, 11 fev. 1972, p. 44. ProQuest.

Com o assunto novamente em discussão, o IIHF reverteu o acordo anterior em sua reunião de 1970 e renovou o banimento a todos os profissionais. Em retaliação, o Canadá se retirou do IIHF, abrindo mão de ser o país sede do campeonato mundial de 1970, programado para acontecer em Winnipeg, e não participando da competição de hóquei nas Olimpíadas de 1972 e 1976.⁷⁷ O Canadá teria um time de hóquei nas Olimpíadas novamente apenas em 1980. O time canadense deu muito trabalho para os soviéticos em Lake Placid, antes de perder o jogo por 6-4. Mas o Canadá ficou de fora da fase final e terminou apenas em sexto lugar após perder a disputa pelo quinto lugar contra a Tchecoslováquia.⁷⁸

No hóquei no gelo, assim como na Guerra Fria, americanos e canadenses tinham muito em comum em suas relações com os soviéticos. O Canadá e os Estados Unidos não tinham uma perfeita confluência de interesses e havia considerável tensão em diversos pontos em seu relacionamento no período pós-1945. Apesar disso, os canadenses apoiavam a democracia e os direitos humanos e viam os soviéticos como uma ameaça para ambos. Assim, o Canadá, como os Estados Unidos, era um membro da OTAN e mantinha tropas permanentemente alocadas da Alemanha Ocidental para auxiliar na defesa da Europa Ocidental.⁷⁹ As complicações nas relações entre Canadá e Estados Unidos, como nos anos de Kennedy e Diefenbaker e no período Nixon-Trudeau⁸⁰ não eram nada se comparadas às tensões entre as duas potências dominantes no hóquei internacional nesses anos, a União Soviética e seus fraternos camaradas socialistas da Tchecoslováquia.

⁷⁷ Esses detalhes, e mais, podem ser vistos em Macintosh e Greenhorn (1993).

⁷⁸ Ver Official Results, XIII Olympic Winter Games, Lake Placid, New York, 1980. Volume II de "Final Report XIII Olympic Winter Games", Lake Placid, N.Y., February 13-24, 1980.

⁷⁹ Para maiores informações sobre a geralmente negligenciada contribuição canadense para as defesas da OTAN na Alemanha Ocidental, ver Maloney (1997).

⁸⁰ Diefenbaker e Kennedy não gostavam um do outro pessoalmente e tinham diferenças substanciais na desconfiança de Diefenbaker nos Estados Unidos e no esforço de Kennedy em influenciar a política canadense, e na preocupação de Kennedy quanto ao apoio tépido de Diefenbaker durante a crise dos mísseis em Cuba e em sua postura militar duvidosa de forma mais geral. As tensões entraram nas relações americano-canadenses durante os anos Trudeau-Nixon, em grande parte por causa de questões econômicas, com o reconhecimento diplomático de Trudeau a Pequim como outro fator. Para uma introdução concisa das relações americano-canadenses, ver Bothwell (1992).

O declínio americano – dentro e fora do gelo (1960-1980)

O triunfo do hóquei americano nas Olimpíadas de Lake Placid ressoou em partes do país onde as pessoas não sabiam nada sobre o hóquei. Ele teve tal impacto devido ao fato de que muitas coisas não estavam indo bem para os Estados Unidos. De sua posição de proeminência internacional ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos pareciam estar em declínio acentuado em 1980, tanto nos planos econômico, político, militar e diplomático, como no hóquei no gelo internacional.

Ainda que o tempo e o colapso da União Soviética tenham obscurecido esse fato, em 1980 os Estados Unidos pareciam, para muitos observadores, a mais fraca das duas superpotências. Em 1981 o presidente mexicano José Portillo disse a um diplomata norte-americano que os Estados Unidos não poderiam derrotar a União Soviética na Guerra Fria.⁸¹ Os americanos estavam se recuperando da derrota no Vietnã, que foi parte de um período no qual onze novos regimes comunistas surgiram no mundo entre 1975 e 1979 (MENGES, 1990, p. 29). Enquanto os parceiros americanos estavam caindo, os aliados soviéticos de Cuba enviavam dezenas de milhares de tropas para amparar novos regimes comunistas na África. Eventos em Angola ilustram o contraste entre a ação soviética e a paralisia americana. Com três grupos lutando pelo poder na antiga colônia portuguesa, o Congresso proibiu os Estados Unidos de se envolver na região. Os cubanos, no entanto, providenciaram sessenta mil tropas para auxiliar um grupo pró-soviético e recebeu apoio logístico dos soviéticos. Aqueles que olhassem para Angola poderiam chegar à mesma conclusão de diplomata africano que supervisionava uma situação semelhante no chifre da

⁸¹ Comentário do presidente Lopez Portillo descrito em Haig Jr. (1984, p. 130). Para mais sobre as dificuldades enfrentadas pelos Estados Unidos durante a década de 1970 que são discutidas nos parágrafos subsequentes, especialmente durante a presidência Carter, ver Kaufman (1993); Smith (1986) e Strong (2000). Para mais sobre as dificuldades gerais dos anos 1970, ver Carroll (1982).

África, que disse a um jornalista americano: “Nós aprendemos que há apenas uma superpotência” (Apud RODMAN, 1994, p. 157, 159) – no calor dos confrontos entre o Philadelphia Flyers e o CSKA, uma charge política do *Chicago Tribune* mostrava um jogo de hóquei onde os jogadores do Flyers espancavam jogadores soviéticos enquanto um torcedor dizia para outro: “Se mandássemos os Flyers para Angola, acabaríamos com aquela bagunça em uma semana”.⁸²

A posição internacional americana era minada por seus problemas econômicos. Os Estados Unidos estavam quebrados devido a uma combinação de inflação alta e grande desemprego que, de acordo com a teoria econômica tradicional, não poderiam coexistir. Os crescentes preços do petróleo encorajados pelas políticas da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) pioravam ainda mais a posição econômica dos Estados Unidos. O sucesso da OPEP em utilizar o petróleo como uma arma para orientar as políticas ocidentais durante e após a guerra do Yom Kippur, em 1973, levaram a posteriores tormentas aos americanos após a queda do xá do Irã, em 1978. A incapacidade americana em responder às ações da OPEP apontava para sua fragilidade. Enquanto a política da OPEP prejudicava ainda mais a economia americana em crise, o crescente preço do petróleo permitia que os soviéticos trocassem suas vastas reservas por moeda forte.

O sucesso econômico da Alemanha Ocidental e do Japão entre o final da década de 1940 e 1980 fez a situação americana parecer ainda pior. Ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tinham uma posição econômica global inigualável, sob circunstâncias que tornavam inevitável o fim daquele domínio. Isoladas da destruição que atingiu grande parte do mundo durante a guerra, as fazendas e indústrias americanas

⁸² Chicago Tribune, 13 jan. 1976, sec. 2, p. 2.

atingiram novos patamares ao abastecer os Estados Unidos e seus aliados.⁸³ Na Europa, a divisão ideológica pós-guerra no continente e as conseqüentes restrições no comércio entre ocidente-oriental dificultavam a recuperação da economia da devastação da guerra. Apesar da virtual inevitabilidade do declínio comparativo dos Estados Unidos, a combinação de grandes erros econômicos americanos, do esforço equivocado em financiar a guerra do Vietnã e das crises do petróleo da década de 1970 foram responsáveis por um declínio econômico que parecia ser muito mais ameaçador do que uma mera correção de uma aberração pós-guerra. Os americanos se preocupavam especialmente com o fato de que a Alemanha Ocidental e o Japão, que haviam se reerguido de ruínas após a Segunda Guerra Mundial com o auxílio americano, agora pareciam superar os Estados Unidos tanto economicamente como tecnologicamente. Detroit, uma grande cidade de hóquei, dramatizava a situação: na cidade que fora outrora um símbolo do grande poder da indústria automotiva americana, as sedes dos fabricantes de automóveis enfrentavam dificuldades, visto que os americanos compravam carros japoneses mais econômicos. Uma montadora dos Estados Unidos, a Chrysler, só conseguiu evitar a bancarrota através da ajuda financeira do governo.

Somando-se aos problemas americanos, havia a política de alianças. Europeus ocidentais e japoneses há muito dependiam do poder dos Estados Unidos, incluindo sua força militar, para garantir sua segurança. No entanto, a era do Vietnã teve efeito deletério neste arranjo. O compromisso dos Estados Unidos com o Vietnã enfraqueceu sua posição na Europa e preocupou seus aliados na OTAN. O empreendimento como um todo levantou dúvidas sobre a liderança americana e a atenção reduzida dos Estados Unidos com assuntos estratégicos nucleares possibilitou que a União Soviética alcançasse paridade

⁸³ O produto interno bruto dos Estados Unidos quase dobrou em “menos de quatro anos” (GADDIS, 2005, p. 8-9).

estratégica com os EUA e ameaçasse conquistar a superioridade na área. Com a mudança no equilíbrio da balança nuclear reduzindo a confiança na deterrência americana, líderes da Europa ocidental e do Japão foram forçados a considerar a possibilidade de que qualquer defesa americana poderia significar a destruição de seus países por completo. Enquanto os americanos começavam a desenvolver sua política de détente, alguns de seus aliados começaram a procurar meios próprios de melhorar suas relações com os soviéticos. Isso criou oportunidades aos soviéticos de obter bens de consumo e conhecimento tecnológico que se encontravam fora de seu alcance. Tal fato, por sua vez, pode ter fortalecido os soviéticos consideravelmente em seu confronto contra os Estados Unidos na Guerra Fria.

Outro fator que contribuiu para o aparente declínio americano foi a posição dos militares. Não apenas a guerra do Vietnã, os problemas na OTAN e os ganhos estratégicos soviéticos pareciam minar o poder americano. Além disso, as forças militares americanas recebiam pouco do governo e o salário de soldados, marinheiros e pilotos era muito baixo. As notícias da época falavam da dificuldade em se reter militares experientes e dos problemas financeiros de famílias de militares que eram tão pobres que podiam ser incluídas nos programas de subsídio do Estado, como o “food stamps” (cupons de alimentação).⁸⁴

Assim, em fevereiro de 1980 os Estados Unidos sofriam com problemas econômicos que pareciam sem solução, parecendo fraco frente à força soviética, ao abuso árabe e iraniano, à força econômica da Alemanha Ocidental e do Japão e às preocupações de seus aliados. Consequentemente, o resultado final da Guerra Fria parecia uma grande incerteza quando a seleção americana começou sua campanha para a conquista do

⁸⁴ John K. Cooley. “Carter, congress, Pentagon all vie on Military budget”. Christian Science Monitor, 2 jun. 1980, p. 3; George C. Wilson. “Senate to consider this week a 3.41 percent raise for those in uniform”. Washington Post, 21 jan. 1980, sec. A, p. 3; John K. Cooley. “Air Force mandate – airlift: but does it pack the muscle for the job?”. Christian Science Monitor, 13 mai. 1980, p. 9; George C. Wilson. “Families find rough sailing on navy pay”. Washington Post, 14 abr. 1980, sec. A, p. 1. Todos LexisNexis.

inesperado ouro em Lake Placid.

No hóquei no gelo internacional, os Estados Unidos enfrentavam uma similar marca de declínio em seu destino. Quando a seleção americana conquistou a medalha de ouro em Squaw Valley, em 1960, o ouro era inédito, mas a medalha não era: 1948, com a confusão acerca dos dois times que representavam os Estados Unidos em St. Moritz, fora a única Olimpíada na qual a seleção americana competiu sem conquistar uma medalha, de prata ou bronze. Durante os Jogos de Inverno de 1952, 1956 e 1960, os times olímpicos de hóquei dos Estados Unidos conquistaram duas medalhas de prata e uma de ouro. Nessas três Olimpíadas os americanos estabeleceram um recorde de 3-1-1 contra o Canadá e a URSS. No entanto, houve uma grande queda após a medalha de ouro de 1960. Entre 1961 e 1979 os Estados Unidos alcançaram uma posição entre os três primeiros no hóquei mundial em apenas duas oportunidades: um terceiro lugar no campeonato mundial de 1962, que fora boicotado pela URSS e pela Tchecoslováquia, e uma surpreendente medalha de prata no campeonato olímpico de 1972, que até mesmo o Comitê Olímpico norte-americano classificou como “extremamente decepcionante”.⁸⁵ Os americanos nem ao menos se classificaram para a competição mundial de elite por quatro vezes, entre 1970 e 1974, sendo relegados ao grupo B. Um exemplo especialmente humilhante dessa situação ocorreu no campeonato mundial de 1969. Este foi o torneio no qual os canadenses terminaram em um decepcionante quarto lugar e sua reação resultou em sua saída da IIHF. Esse foi também o evento das duas vitórias da Tchecoslováquia sobre a União Soviética que deram origem a festas que geraram graves consequências políticas para os tchecoslovacos. No mesmo torneio, a equipe dos Estados Unidos perdeu todos os seus dez

⁸⁵ Era o torneio em si, e não a exibição do time de hóquei americano, que foi criticado pelo relatório oficial do Comitê Olímpico norte-americano. A maior queixa era a ausência dos canadenses. 1972 United States Olympic Book, p. 447.

jogos, começando com uma goleada de 17-2 para a União Soviética.⁸⁶ John Mayasich, herói das Olimpíadas de 1960 que atuou como jogador-treinador no campeonato mundial de 1969, reclamou que a abordagem americana do hóquei internacional era “ridícula”.⁸⁷

Ao mesmo tempo em que os americanos estavam afundando, a força do hóquei soviético estava crescendo. De 1963 a 1979, os soviéticos venceram quatorze dos dezessete campeonatos mundiais de hóquei e todas as quatro medalhas de ouro olímpicas. Durante a década de 1970, os soviéticos dominaram não apenas as competições amadoras de hóquei, mas eles também venceram profissionais norte-americanos regularmente. Ainda que a seleção canadense tenha triunfado na série de oito jogos da *Summit Series* em 1972, os canadenses tiveram que vencer os três últimos jogos, os dois últimos nos momentos finais, para garantir a conquista. Em um torneio no qual os canadenses esperavam vencer todos os oito jogos por goleadas, a pequena margem de vitória sugeria que a superioridade do hóquei canadense não poderia mais ser vista como algo certo. Em 1974, a World Hockey Association (WHA), uma nova liga norte-americana criada havia dois anos, tentou construir sua credibilidade com uma série de disputas entre a seleção de seus canadenses contra a seleção nacional soviética, mas os soviéticos venceram quatro jogos e empataram outros três, deixando uma única vitória para a WHA.

A situação ficou mais complicada para o Canadá em 1976. No inverno de 1975-1976, o CSKA e o Krylya Sovetov, os dois principais times da primeira divisão soviética, jogaram quatro jogos, cada um, contra clubes de ponta da NHL em uma turnê que incluiu os já mencionados jogos do CSKA em Montreal e na Filadélfia. Ainda que o CSKA tenha empatado com o Montreal Canadiens e perdido para o Philadelphia Flyers, os dois clubes

⁸⁶ Esse placar (e outros resultados dos EUA) podem ser encontrados em “USA Hockey All-Time Rosters and Results”, produzido pela USA Hockey. Cópia em posse do autor.

⁸⁷ Mayasich apud “Soviet six wins world title; U.S. team drops into group B”. New York Times, 31 mar. 1969, p. 44. ProQuest.

soviéticos juntos venceram cinco de seus outros seis jogos em sua turnê norte-americana. O verão de 1976 viu a estréia da Copa do Canadá, um torneio disputado durante o verão que era estrelado por seleções profissionais de países ocidentais e pelas seleções soviética e tchecoslovaca. O Canadá venceu a primeira Copa do Canadá com um time que alguns espectadores consideraram a melhor seleção canadense já reunida, incluindo jogadores lendários como Bobby Orr e Bobby Hull.⁸⁸

A Copa do Canadá de 1976 fortaleceu o argumento de que os craques canadenses ainda eram os melhores do mundo, mas esse argumento levou uma surra na “Challenge Cup” disputada em fevereiro de 1979. Há apenas um ano das Olimpíadas de 1980, uma seleção da NHL disputou uma série de três jogos contra a seleção nacional soviética. Após dois jogos disputados, com uma vitória para cada lado, os soviéticos golearam a seleção da NHL por 6-0 no jogo de desempate, causando grande amargura principalmente no Canadá, onde “existem algumas pessoas que encaram isso como uma derrota da democracia”.⁸⁹

Caso alguém não tivesse percebido a disparidade entre os Estados Unidos e a União Soviética no hóquei internacional, o time soviético acabou com a seleção olímpica americana, 10-3, na última exibição pré-olímpica no Madison Square Garden, dias antes da abertura dos jogos de Lake Placid. Atuando como David contra o Golias soviético menos de duas semanas depois, os Estados Unidos desempenharam um papel muito popular entre os americanos, o do mais fraco, mas que parecia mais uma farsa do que um clichê perante a guerra do Vietnã. O esforço americano em apoiar o governo de Saigon parecia incorporar a pior de todas as possibilidades: os americanos pareciam brigões em busca de confusão, mas eram muito fracos para derrotar uma pequena e atrasada nação de terceiro mundo.

⁸⁸ Hull, que havia assinado com a rival World Hockey Association, e Orr, que estava contundido, haviam perdido a histórica *Summit Series* de 1972. Para uma rápida introdução aos torneios da Copa do Canadá, ver “International and ‘open’ events: NHL players and teams versus European opponents since 1972”, em Diamond (2000, p. 505-507).

⁸⁹ Cronista esportivo de Toronto Globe & Mail, apud Andrew H. Malcolm. “Canada in mourning over hockey defeat”. New York Times, 14 fev. 1979, sec. B, p. 7.

Além disso, a sucessão de horrores daquela guerra minava as pretensões americanas de virtude moral. O desfolhamento químico de selvas, o dano à tradicional sociedade vietnamita pelo programa estratégico Hamlet, o massacre de civis em My Lai e outros episódios na guerra sugeriam que os Estados Unidos sofriam de uma danificada bússola moral. Nesse contexto, a nação se uniu ao redor do que um repórter chamou de uma “mistura desordenada de meninos imberbes e sacos de pancada da segunda divisão”.⁹⁰ Os meninos desconhecidos ganharam popularidade vestindo as camisas com “USA” e derrotando os mais velhos, mais experientes e mais vitoriosos da favorita máquina de hóquei soviética que havia se beneficiado de inúmeras vantagens competitivas.⁹¹ A seleção olímpica de hóquei dos Estados Unidos forneceu um escape tangível para expressões de ressurgimento patriótico e unidade nacional que se equipararam ao colapso da *détente*. Um homem de meia idade da Pensilvânia que testemunhou a festa em Lake Placid contou ao *Chicago Tribune* que muitas das pessoas que brandiam bandeiras americanas e cantavam “USA! USA!” deveriam estar entre aqueles que queimavam bandeiras apenas alguns anos antes em protestos contra a guerra.⁹² Depois de anos de declínio aparente, o patriotismo ressurgente teve ramificações políticas na campanha presidencial de novembro, entre o democrata Jimmy Carter, que buscava a reeleição, e o republicano Ronald Reagan. Reagan apareceu em sua campanha como abertamente anticomunista, um patriota muscular em sua corrida contra o homem que havia pregado humildade nacional e denegrado os Estados

⁹⁰ Citação de Leonard Shapiro. “Americans rally to down finns, 4-2, for first Olympic crown since 1960”. *Washington Post*, 25 fev. 1980, sec. D, p. 1.

⁹¹ Para um olhar acadêmico de Lake Placid, ver Nickerson (1995). Ainda que o jogo EUA-URSS seja comumente visto como uma semifinal, ele era tecnicamente a segunda de três rodadas de um quadrangular que os Estados Unidos jogaram na fase de medalhas. Em um formato que foi utilizado no hóquei no gelo apenas em 1980, 1984 e 1988, a fase de medalhas era disputada em um quadrangular, com os jogos já disputados na fase preliminar contando na fase final. Visto que os Estados Unidos e a Suécia se classificaram para a fase de medalhas pela Divisão Vermelha, seu empate dez dias antes, ainda que anteriores à Cerimônia da Abertura, contou como um jogo da fase final. Independentemente de quem vencesse o jogo entre EUA e URSS na sexta-feira, 22 de fevereiro, os americanos iriam jogar contra a Finlândia na manhã de domingo, 24 de fevereiro. Para mais, ver Soares (2007).

⁹² John Husar. “Win leaves’em hoarse”. *Chicago Tribune*, 25 fev. 1980, sec. 5, p. 3.

Unidos com “medo imoderado do comunismo”.⁹³ Neste cenário, nas palavras de Gladdis Smith, veterano historiador de Yale, “Regan cavalgou para a vitória (...) em um empinante cavalo branco de patriotismo” (SMITH, 1994, p. 161).

Conclusão

Propiciar uma saída para um renovado patriotismo americano que mais tarde influenciou a política dos EUA foi apenas uma maneira com que o torneio olímpico de hóquei em Lake Placid revelou o impacto de mais de três décadas de evolução política e esportiva. O sucesso da equipe americana parecia tão notável não só porque os soviéticos tinham dominado o hóquei amador internacional, mas também por terem feito várias grandes exibições contra os melhores profissionais norte-americanos em turnês que começaram como parte das tentativas do período da détente de reduzir as tensões da Guerra Fria. A frequente hostilidade na rivalidade do hóquei entre os soviéticos e os norte-americanos era um exemplo de concordância entre as democracias ocidentais em sua oposição ao sistema repressivo soviético.

Depois de 1980, o hóquei no gelo nos Estados Unidos retornou em grande parte a seu nível normal de (im)popularidade. Não houve nenhum surto subsequente ao jogo internacional que coincidissem com o sentido de ressurgimento nacional, captado no slogan da campanha presidencial do presidente Reagan em 1984: “A América está de volta”.⁹⁴ As equipes olímpicas americanas em Sarajevo e Calgary chegaram em decepcionantes sétimos

⁹³ A passagem de Carter, tão citada e raramente compreendida, foi proferida em um discurso na Universidade de Notre Dame em 1977. Frequentemente utilizada como evidência da ingenuidade de Carter, ou de vigilância insuficiente na oposição ao comunismo, Carter estava na verdade se referindo a mudanças que já haviam sido feitas em relação ao modo como os Estados Unidos lidavam com aliados em potencial. Ele disse a sua plateia em Notre Dame: “Estando confiantes em nosso próprio futuro, estamos agora livres daquele medo imoderado do comunismo, que uma vez nos levou a nos aliar a qualquer ditador que se unisse a nós nesse medo. Estou contente de que isso tenha mudado”. Jimmy Carter. “Address at Commencement Exercises at the University of Notre Dame”. 22 mai. 1977 (U.S. PRESIDENT, 1977, p. 956).

⁹⁴ O biógrafo de Reagan, Lou Cannon, discute esse slogan e “It’s morning again in America” (CANNON, 1991, p. 512-515).

lugares. As seleções americanas não conquistaram novamente medalhas nos campeonatos mundiais durante a Guerra Fria, com exceção da equipe que conquistou o primeiro lugar no grupo B em 1983 e um impressionante segundo lugar em potencial na fase classificatória da Copa do Canadá de 1984, frustrado pela derrota por 9-2 para a Suécia na semifinal. Para os Estados Unidos, paralelos entre o hóquei e a Guerra Fria atingiram seu ápice em Lake Placid e despencaram dali em diante.

Para os soviéticos, os anos após Lake Placid viram uma desconexão similar entre a permanência de sua força no hóquei internacional e seu declínio geopolítico que culminou em sua retirada do Afeganistão, na perda de seus satélites da Europa oriental em 1989, e na fragmentação final da União Soviética em 1991. Ao mesmo tempo em que a União Soviética começou a se encaminhar para sua dissolução, sua seleção de hóquei retomou seu domínio do hóquei olímpico ao vencer as medalhas de ouro em 1984 e 1988. Ela também conquistou seis dos oito campeonatos mundiais entre 1981 e 1990. Além disso, mesmo as derrotas soviéticas perante o Canadá nas Copas do Canadá de 1984 e 1987 só foram possíveis mediante esforços heroicos dos canadenses em ambos os casos.

Sob a perspectiva canadense, Lake Placid foi um desapontamento e certamente não se enquadrou na mais memorável exibição de hóquei da Guerra Fria. A *Summit Series* de 1972 não reivindica essa honra sozinha. A Copa do Canadá de 1987 foi digna do embate final do hóquei da Guerra Fria entre Canadá e União Soviética. Ela contou com um elenco de estrelas, tanto do Canadá como da União Soviética, que se tornaram as figuras dominantes da NHL nos anos 1990, e de um grande drama no qual o já estabelecido astro Wayne Gretzky e o astro em ascensão Mario Lemieux levaram o Canadá a uma dramática recuperação em uma série de melhor de três, na final. Em Lake Placid, no entanto, os canadenses tiveram uma conquista geralmente não notada. Antes do jogo entre USA e URSS, o técnico canadense, Clarke Drake, comentou: “se eu fosse um apostador, apostaria

nos americanos”, fazendo dele uma das poucas vozes de credibilidade que previram a vitória dos americanos sobre os soviéticos.⁹⁵

Os tchecoslovacos, que arcariam com as cicatrizes da Guerra Fria após o colapso do comunismo, se juntaram aos canadenses em seu desapontamento em Lake Placid. Ainda que o time tchecoslovaco tenha sido liderado pelos três irmãos Stastny, que mais tarde desertariam para o ocidente e se tornariam astros da NHL,⁹⁶ a Tchecoslováquia perdeu para os Estados Unidos e não conseguiu chegar à fase final. Assim, Lake Placid perdeu sua chance de um confronto do hóquei soviético-tchecoslovaco que servia como um meio no qual os tchecoslovacos desafogavam suas frustrações com os russos e buscavam algum tipo de triunfo sobre as forças soviéticas que exerciam um controle tão penetrante e impopular sobre suas vidas.

O legado da invasão da Tchecoslováquia era visível até mesmo após a divisão da Tchecoslováquia e da União Soviética. Nas Olimpíadas de inverno de 1998, em Nagano, a República Tcheca derrotou a Rússia na final e conquistou a medalha de ouro.⁹⁷ Nessa época, profissionais já eram permitidos nas Olimpíadas e os jogos de Nagano foram os primeiros nos quais a National Hockey League (NHL) suspendeu seus jogos para permitir que seus jogadores participassem. Um dos heróis da vitória tcheca no torneio foi Jaromir Jagr. Quando adolescente, Jagr esteve entre os primeiros jogadores do antigo bloco oriental a jogar na NHL sem ter que desertar. Nessas Olimpíadas, e ao longo de sua carreira na

⁹⁵ Hal Lebovitz. “Can Russians be beaten?”. Cleveland Plain-Dealer, 22 fev. 1980, sec. C, p. 5.

⁹⁶ Peter, Marion e Anton Stastny estavam entre os artilheiros da Tchecoslováquia nas Olimpíadas de 1980 e depois estrearam no Quebec Nordiques na NHL. Após a divisão da Tchecoslováquia, Peter Stastny foi um dos principais membros da primeira seleção eslovaca a competir no hóquei olímpico em Lillehammer, em 1994. Seu filho, Paul Stastny, estava no primeiro ano no time da Universidade de Denver que venceu seu segundo título de hóquei da NCAA consecutivo, em 2005.

⁹⁷ A Tchecoslováquia, é claro, se dividiu na República Tcheca e na Eslováquia, que começaram a enviar times de hóquei distintos nas Olimpíadas de 1994. A Rússia era a nação mais poderosa, na política e no hóquei, a emergir do desmembramento da União Soviética, mas um grande número de outras nações que jogavam hóquei da antiga URSS apareceram nas Olimpíadas, incluindo Belarus, Cazaquistão, Letônia e Ucrânia.

NHL, o número da camisa de Jagr foi “68”, seu tributo aos seus compatriotas que se rebelaram contra a repressão soviética na Tchecoslováquia em 1968.⁹⁸

Sem os tchecoslovacos e os canadenses na fase final, os jogos de Lake Placid não tiveram parte da grandeza vista em outras competições de hóquei em anos anteriores. Ainda assim, o hóquei olímpico em Lake Placid, como o hóquei internacional em outras competições entre 1947 e 1980, era uma continuação da Guerra Fria por outros meios.

Referências:

1972 *United States Olympic Book*. New York: United States Olympic Committee, 1972.

ALLEN, Kevin. *USA hockey: a celebration of a great tradition*. Chicago: Triumph Books, 1997.

BAUMANN, Robert F. The central army sports club (TsSKA): forging a military tradition in Soviet ice hockey. *Journal of Sport History*, n. 15, 1988, p. 151-166.

BOTHWELL, Robert. *Canada and the United States: the politics of partnership*. Toronto: University of Toronto Press, 1992.

BROKHIN, Yuri. *The big red machine: the rise and fall of Soviet Olympic champions*. New York: Random House, 1978.

CANNON, Lou. *President Reagan: the role of a lifetime*. New York: Simon & Schuster, 1991.

CANTLETON, Hart. Revisiting the introduction of ice hockey into the former Soviet Union. IN: HOWELL, Colin D. (Org.). *Putting it on ice. v. 2: internationalizing “Canada’s game”*. Halifax: Gorsebrook Research Institute, 2003, p. 29-38.

CARACCIOLI, Tom; CARACCIOLI, Jerry. *Striking silver: the untold story of America’s forgotten hockey team*. Champaign, Ill.: SportsPublishing, 2006.

CARROLL, Peter. *It seemed like nothing happened: the tragedy and promise of America in the 1970s*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982.

CERMAK, Iri. *Seeing red: mediasport discourses of Soviet Olympic hockey*. Seattle: University of Washington, 1997.

⁹⁸ Lori Shontz. “Jagr tells of scarier era in his homeland”. Pittsburgh Post-Gazette, 23 fev. 1998, sec. D, p. 1. LexisNexis.

COGAN, Charles. *Forced to choose: France, the Atlantic Alliance and NATO – then and now*. Westport: Praeger, 1997.

DIAMOND, Dann (Org.). *Total hockey: the official encyclopedia of the National Hockey League*. 2 ed. New York: Total Sports Publishing, 2000.

DRYDEN, Ken; MULVOY, Mark. *Face-off at the summit*. Boston: Little, Brown, and company, 1973.

DOBRYNIN, Anatoly. *In Confidence: Moscow's ambassador to America's six Cold War presidents*. New York: Times Books, 1995.

EDELMAN, Robert. *Serious fun: a history of spectator sport in the USSR*. New York: Oxford University Press, 1993.

GADDIS, John Lewis. *The Cold War: a new history*. New York: Penguin Books, 2005.

GARTHOFF, Raymond. *Détente and confrontation: American-Soviet relations from Nixon to Reagan*. Washington, D.C.: Brookings Institution, 1985.

GRANVILLE, Johanna C. *In the line of fire: the Soviet crackdown on Hungary, 1956-1958*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1998.

GUTTMANN, Allen. *The games must go on: Avery Brundage and the Olympic movement*. New York: Columbia University Press, 1984.

HAIG JR., Alexander M. *Caveat: realism, Reagan and foreign policy*. New York: Macmillan Publishing Company, 1984;

JOKISIPILÄ, Markku. Maple leaf, hammer, and sickle: international ice hockey during the Cold War. *Sport History Review*, n. 37, 2006, p. 36-53.

KAGAN, Donald. *On the origins of war and the preservation of peace*. New York: Anchor Books, 1996.

KAPLAN, Karel. *The short march: the communist takeover in Czechoslovakia 1945-1948*. New York: St. Martin's Press, 1987.

KAUFMAN, Burton I. *The presidency of James Earl Carter, Jr.* Lawrence: University Press of Kansas, 1993.

KURTZ, Morris. *A history of the 1972 Canada-USSR ice hockey series*. Tese de doutorado. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 1981.

LECHENPERG, Harald. *Olympic Games 1960: Squaw Valley, Rome*. New York: A.S. Barnes and Co., s.d.

LITVÁN, György (Org.). *The Hungarian Revolution of 1956: reform, revolt and repression, 1953-1963*. Trad. János M. Bak e Lyman H. Legters. London: Longman, 1996.

MACDONALD, Gordon. A colossal embroglio: control of amateur ice hockey in the United States and the 1948 Winter Olympic Games. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, n. 7, 1998, p. 43-60.

MACINTOSH, Donald; GREENHORN, Donna. Hockey diplomacy and Canadian foreign policy. *Journal of Canadian Studies*, n. 28, 1993.

MACINTOSH, Donald; HAWES, Michael. *Sport and Canadian diplomacy*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1994.

MALONEY, Sean M. *War without battles: Canada's NATO brigade in Germany, 1951-1993*. Toronto: McGraw-Hill Ryerson, 1997.

MENGES, Constantine. *The twilight struggle: the Soviet Union v. the United States today*. Washington, D.C.: American Enterprise Institute, 1990.

MLYNÁR, Zdenek. *Nightfrost in Prague: the end of humane socialism*. Trad. Paul Wilson. New York: Karz Publishers, 1980.

MORRISON, Scott. *The days Canada stood still: Canada vs. USSR 1972*. Toronto: McGraw-Hill Ryerson, 1989.

NICKERSON, Craig. "Red dawn in Lake Placid: the semi-final hockey game at the 1980 Winter Olympics as a Cold War battleground." *Canadian Journal of History of Sport*, n. 26, 1995, p. 73-85.

PELLETIER, Joe. Where were you in '69?: Czech victory surpasses 1972 dramatics. *Hockey Research Journal*, n. 6, 2002, p. 66-67.

REITER, Dan; STAM, Allan C. *Democracies at war*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2002.

Report of the CPSU Central Committee and the Immediate Tasks of the Party in Home and Foreign Policy. Moscow: Novosti Press Agency Publishing House, 1976.

RIORDAN, James. *Sport in Soviet society: development of sport and physical education in Russia and the USSR*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

RIPKA, Hubert. *Czechoslovakia enslaved: the story of the Communist coup d'État*. London: Gollancz, 1950.

ROBIDOUX, Michael A. Imagining a Canadian identity through sport: a historical interpretation of lacrosse and hockey. *Journal of American Folklore*, n. 115, 2002, p. 209-225.

RODMAN, Peter. *More precious than peace: the Cold War and the struggle for the third world*. New York: Charles Scribners' Sons, 1994.

SENN, Alfred Erich. *Power, politics and the Olympic Games*. Champaign: Human Kinetics, 1999.

SINDEN, Harry. *Hockey showdown: the Canada-Russia series*. Toronto: Doubleday Canada, 1972.

SMITH, Gaddis. *Morality, reason & power: American diplomacy in the Carter years*. New York: Hill & Wang, 1986.

_____. *The last years of the Monroe Doctrine, 1945-1993*. New York: Hill and Wang, 1994.

SOARES, John. The 'semi-final that wasn't': when the USA stunned the USSR at Lake Placid". *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, n. 16, 2007, p. 93-97.

STARK, Tobias. The pioneer, the pal and the poet: masculinities and national identities in Canadian, Swedish & Soviet hockey during the Cold War. IN: HOWELL, Colin D. (Org.). *Putting it on ice*. v. 2: internationalizing "Canada's game". Halifax: Gorsebrook Research Institute, 2003, p. 39-43.

STRONG, Robert A. *Working in the world: Jimmy Carter and the making of American foreign policy*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2000.

SURI, Jeremi. *Power and protest: global revolution and the rise of détente*. Cambridge, Mas.: Harvard University Press, 2003.

TARASOV, Anatoly. *Road to Olympus*. Toronto: Pocket Books, 1972.

ULLMAN, Walter. *The United States in Prague, 1945-1948*. Boulder: Eastern European Quarterly, 1978.

USOA. *United States 1960 Olympic Book: Quadrennial Report of the United States Olympic Committee*. New York: U.S. Olympic Association (USOA), 1961.

U.S. PRESIDENT. *Public Papers of the Presidents of the United States*. Washington, D.C.: United States Government Printing Office, 1977.

WILLIAMS, Kieran. *The Prague Spring and its aftermath: Czechoslovak politics 1968-1970*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.